

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – CEUB

CURSO DE PEDAGOGIA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Por Henrique Rufino de Sousa Neto

RA: 72001054

Trabalho de Conclusão de Curso sob a Orientação da Prof.^a Sandra Mara Souza Bessa e coorientação do Prof.^o Saulo Pequeno Nogueira Florencio, como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia do Centro Universitário de Brasília-CEUB.

Brasília, DF - 2024

MASCULINIDADES NEGRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ATUAÇÃO DOCENTE SOB A PERSPECTIVA DA INTERSECCIONALIDADE

Resumo: Este trabalho investiga a atuação de professores homens negros na Educação Infantil (EI) sob a perspectiva da interseccionalidade, considerando as dimensões de gênero e raça. A pesquisa analisa o contexto histórico da feminização do magistério na EI e os desafios enfrentados por homens negros, nesse ambiente predominantemente feminino. Utilizando uma abordagem bibliográfica, o estudo examina as barreiras institucionais e sociais, incluindo estereótipos e preconceitos, que afetam esses profissionais. A interseccionalidade é aplicada como ferramenta analítica para compreender as complexas experiências desses educadores. O trabalho destaca a importância da presença de professores homens negros na EI para promover diversidade, representatividade e uma educação mais inclusiva, apontando também para a necessidade de mais pesquisas nessa área específica.

Palavras-chaves: Masculinidades negras; Educação Infantil; Interseccionalidade.

INTRODUÇÃO

Neste estudo, abordo o processo de profissionalização das masculinidades negras no contexto da Educação Infantil. Historicamente, essa é uma etapa da Educação Básica marcada caracteristicamente pela atuação profissional de mulheres (Pereira, 2016; Ramos, 2017; Silva, 2014; Soares, 2022). Esse fenômeno denominado “feminização do magistério” tem sido estudado por pesquisadores da História e da Sociologia da Educação, que o veem como a transformação do magistério em uma profissão majoritariamente feminina no mundo ocidental, inclusive no Brasil, durante a segunda metade do século XIX (Ramos, 2017). Nessa época, como ressaltado por Vianna (2001), os homens gradualmente foram se afastando das salas de aula, resultando em um significativo aumento e consolidação da presença feminina na educação básica ao longo do século XX.

Dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) apontam que, hoje, no século XXI, essa conjuntura se mantém. Os números do Censo Escolar (Brasil, 2023), principal instrumento de coleta de informações sobre a Educação Básica, indicam a predominância da docência feminina em todas as etapas desse nível de ensino, especialmente na Educação Infantil. Segundo o INEP, na Educação Básica, havia, em 2023, mais de 2,3 milhões de profissionais no corpo docente das instituições escolares de todo o

Brasil. Destes, mais de 1,8 milhões (79,48%) são professoras. Na Educação Infantil, 97,04% delas atuam nas creches e 93,74% na pré-escola.

Alguns fenômenos podem nos ajudar a compreender esses números. Segundo Ramos (2017), a atuação de professores homens na Educação Infantil é vista com estranhamento pela comunidade escolar, frequentemente associada a um risco de abuso contra as crianças (Oliveira; Gonçalves, 2020). Dessa forma, os professores homens enfrentam diversos entraves para atuar na Educação Infantil. O primeiro deles é que tanto a sua sexualidade quanto a sua masculinidade são colocadas em suspeição, uma vez que se escolheram essa profissão é porque não são homens de verdade (Costa, 2007; Ramos, 2017). Outro desafio é a reprodução do estereótipo de professor pedófilo em potencial. Sayão (2005) destaca a crença disseminada de que homens são vistos como sexualmente ativos, perversos e devem ficar distantes das crianças. Quando se trata de homens negros, estes podem ser “vistos como animais, brutos, estupradores por natureza e assassinos” (hooks, 2022, p. 33), o que corrobora para que homens negros evitem atuar nessa etapa da educação básica.

Várias pesquisas situadas no campo da Pedagogia e da Educação Infantil já se propuseram a debater a questão de **gênero** nesta etapa da Educação Básica, principalmente para desmistificar o estranhamento da comunidade escolar quanto à atuação de professores homens. Entre eles, estão os estudos de Sayão (2005), Pereira (2016), Ramos (2017), entre outros. Contudo, são escassos os estudos que considerem a **raça** como ferramenta de análise, além do gênero. Silva (2014) apresenta questões teóricas a partir da sua experiência enquanto homem, negro, professor na Educação Infantil e iniciante. Ele revela que adentrar na Educação Infantil rompe com o senso comum em que prevalece a ideia de que só mulheres são preparadas ou vocacionadas para cuidar das crianças. Segundo o autor, “a presença de um professor homem, negro, desestabiliza as estruturas fixas, impostas, imutáveis do sistema oculto que funciona muito bem na escola” (Silva, 2014, p. 147).

Considero enfatizar a questão racial porque, ao falar do Brasil, que construiu sua economia, tecnologia, sociedade e cultura às custas da escravidão negra, ainda hoje, no século XXI, questiona a participação social do homem negro em espaços de trabalho, cultura e lazer, majoritariamente ocupados por pessoas não negras ou por mulheres, como é o caso do pedagogo negro na Educação Infantil. Nesse aspecto, as questões centrais levantadas por Silva (2014, p. 17), ao questionar “que desafios, superações, abarcam o exercício da docência na educação infantil, de um professor negro num campo de atuação marcadamente feminino?” e por Soares (2022, p. 9) ao questionar “como os docentes homens negros têm procurado

constituir sua identidade como professor de bebês, crianças bem pequenas e crianças pequenas?”, são fundamentais para compreender como se organiza a presença de homens negros na Educação Infantil.

Esta pesquisa surge, portanto, da reflexão sobre os dados apresentados e da minha trajetória enquanto estudante de Pedagogia, que enfrentei recusas em determinados espaços escolares durante processos seletivos para estagiário. Durante uma seleção, fui abordado por uma coordenadora pedagógica que me convidou a me retirar, argumentando que um pai jamais gostaria de encontrar sua filha nos braços de um homem. Assim, a figura feminina era considerada mais adequada para a vaga, uma vez que as mulheres possuíam "jeito" e eram vistas como mais aptas para "cuidar" das crianças.

Dessa forma, o objetivo deste trabalho é investigar como as masculinidades negras são construídas, percebidas e influenciadas no contexto da Educação Infantil, considerando a atuação docente sob a perspectiva da interseccionalidade para identificar os desafios, experiências e contribuições dos professores homens e negros nesse contexto educacional. Como objetivos específicos, pretendemos: i) analisar o contexto social relativo a professores homens e negros que atuam na Educação Infantil; ii) descrever as barreiras institucionais e sociais que esses docentes enfrentam; iii) analisar como as identidades de raça e gênero se cruzam e impactam a prática pedagógica desses docentes.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Masculinidades negras

Para contextualizar a existência das dinâmicas raciais e de gênero que se refletem no ambiente escolar, é importante compreender que essas questões estão profundamente enraizadas na estrutura social brasileira. O racismo estrutural (Almeida, 2021) e as desigualdades de gênero permeiam diversas esferas da sociedade, incluindo o acesso ao sistema educacional. Como ressalta Almeida (2022), a educação no Brasil inicialmente não era considerada um direito universal, mas sim um privilégio reservado a poucos. O acesso educacional oferecido pelos europeus aos negros e indígenas tinha como objetivo principal a catequização ou o preparo para a servidão.

É perceptível que a formação social do Brasil é marcada por complexas relações raciais e sociais que remontam ao período colonial, moldando uma sociedade profundamente hierarquizada e racialmente estratificada (Vilasboas e Santos, 2016). Uma pirâmide de

privilégios foi estabelecida e, em sua estrutura tinha, em seu topo, os brancos, e em sua base, os negros e indígenas (Gonçalves, 2021). O resultado disso foram 388 anos de cruel e desumana escravidão que perpetuou um legado de desigualdade racial e social, refletindo-se nas dinâmicas contemporâneas. A hierarquia racial no Brasil foi construída sobre a animalização e inferiorização dos negros e dos indígenas que tiveram a sua humanidade sequestrada, perpetuada por teorias pseudocientíficas que buscavam justificar a inferioridade racial (Almeida, 2021). A crença na superioridade de alguns e na inferioridade de outros moldou a estrutura sócio-hierárquica do Brasil. Esse sistema é reforçado pelo Estado, que perpetua e sustenta a racialização dos diferentes grupos étnico-raciais (Gonçalves, 2021).

O cisheteropatriarcado (Akotirene, 2021), um sistema social baseado em uma cultura que favorece o homem branco, cisgênero e heterossexual, também desempenha um papel crucial nessa dinâmica. O homem cis é uma categoria de gênero que possui privilégios dentro do sistema patriarcal binário vigente, o qual historicamente construiu os pressupostos de uma masculinidade hegemônica. O homem heterossexual, por sua vez, é a categoria de sexualidade que ocupa uma posição de destaque dentro da matriz heteronormativa. Já o homem negro representa uma categoria racial que enfrenta as consequências históricas do racismo estrutural, o que relativiza os privilégios associados às masculinidades em um contexto predominantemente branco (Carvalho, 2022).

Na sociedade cisheteropatriarcal, prevalecem as relações de poder e domínio dos homens sobre as mulheres e todos os demais sujeitos que não se encaixam com o padrão considerado normativo de raça, gênero e orientação sexual. De acordo com Akotirene (2021), as feminilidades e masculinidades foram moldadas pelo cisheteropatriarcado e pelo racismo, resultando em experiências dolorosas no Atlântico, onde mulheres africanas expressaram suas feminilidades através do choro, enquanto os homens seguraram o choro. O receio de chorar, de fraquejar e de ser vulnerável é algo que acontece até hoje. De acordo com hooks (2022), homens negros muitas vezes vivem em uma prisão mental, incapazes de encontrar uma saída e isso é reflexo da cultura patriarcal que ensina aos homens um papel que restringe e confina.

Em “Escolarizando homens negros” (2015), hooks reflete sobre como os homens negros são percebidos em nossa sociedade. De acordo com a autora, mais do que qualquer outro grupo de homens, os homens negros são, muitas vezes, concebidos como “sujeitos desprovidos de habilidades intelectuais” (hooks, 2015, p. 678) ou como a própria autora provoca, como pessoas lentas. Desse modo, “quando raça e classe entram em cena junto com o patriarcado, os homens negros suportam as piores imposições de identidade patriarcal masculina de gênero” (hooks, 2022, p. 33).

De acordo com Gonçalves (2021), as dinâmicas em torno de raça e gênero são essenciais para compreender a complexidade da masculinidade. Em seu texto, a autora traz a exposição de Frantz Fanon que relata haver um sentimento de inferioridade entre os homens negros e que as bases da construção de sua masculinidade se dão por meio da assimilação do homem branco. Ainda de acordo com Estela Gonçalves (2021), a masculinidade branca é construída a partir de um poder natural e se torna o modelo ideal a ser seguido, estando presente no imaginário social com todas as benesses de ser homem. As masculinidades negras, no entanto, são construídas em um contexto de racismo estrutural e patriarcado, que historicamente desumanizou os homens negros, retirando-lhes a humanidade e animalizando-os em todos os níveis. A escravização e a subsequente marginalização social contribuíram para a formação de estereótipos negativos que ainda hoje afetam a percepção e o tratamento dos homens negros e pobres na sociedade.

De acordo com Ian Black (2024), as narrativas predominantes do feminismo *mainstream* em nossa cultura frequentemente ignoram as violências únicas que os homens negros enfrentam. Segundo o autor, ao contrário das mulheres brancas, que ainda tiram proveito, direta ou indiretamente, da supremacia branca, os homens negros sofrem formas diferentes e incomparáveis de violação de seus corpos. Isso não absolve os homens negros de sua responsabilidade na opressão masculina, especialmente em relação às mulheres negras. Na verdade, esse entendimento serve como um estímulo contínuo para desafiar os padrões impostos pela masculinidade branca.

Desse modo, “no Brasil, lugar de homem negro não é onde ele quiser, mas onde a branquitude decide enjaulá-lo.” (Black, 2024, s/p). E mais: seja “nos espaços públicos e privados, em cada canto que parece exclusivo da galera branca, o homem negro é marcado: ou é serviçal ou é perigo ambulante: pobre, bandido ou estuprador” (idem). Visão que impacta diretamente na atuação desse homem negro na docência na educação básica, sobretudo quando se trata da educação infantil.

Atuação docente na educação infantil

De acordo com Raewyn Connell, em uma entrevista concedida a Hamlin e Vandenberghe (2013), a maternidade e a relação dos corpos femininos com os homens são pontos de partida essenciais para a análise de gênero. Para Connell, “não se pode falar de gênero sem se falar de homens e masculinidades” (Hamlin; Vandenberghe, 2013, p. 353). Esse argumento é crucial para compreendermos as relações de gênero como interdependentes e mutuamente constituídas, e não isoladas.

O estudo das masculinidades, especialmente no contexto da educação infantil, nos convida a investigar como os homens, em particular os homens negros, lidam com as expectativas de gênero dentro de um sistema educacional que é frequentemente permeado por normas hegemônicas de feminilidade, preponderantemente branca, com “construções sociabilizadas que, no decorrer dos anos, colocam o homem professor como alguém que não tem “dom” ou que não tem “jeito de lidar com os infantis” (Silva, 2011).

A citação de Ramos (2017, p. 23) de que “[...] a Educação Infantil “nasceu feminina” evidencia o surgimento da Educação Infantil como culminância da luta empreendida pelas mulheres para atender uma demanda também de mulheres. Segundo o autor, é o homem que tenta furar as barreiras de gênero e adentrar um espaço eminentemente constituído de e por mulheres. Mas, ao considerarmos que essa etapa da Educação Básica encontra-se, historicamente, associada à figura feminina e à maternagem, é imprescindível refletirmos sobre como a inserção masculina pode transformar essa dinâmica.

O ingresso dos homens, especialmente os homens negros, na EI desafia as noções tradicionais de cuidado, ensino e aprendizagem, ao mesmo tempo em que questiona as hierarquias raciais e de gênero. Como enfatiza Connell, compreender as masculinidades e suas interações com a feminilidade é essencial para uma análise completa das relações de gênero, e isso se reflete de maneira significativa no contexto educacional. Para Silva (2012; 2014), falar de gênero na Educação Infantil é, além de desafiador, um risco. De acordo com o autor, o desafio é preencher a lacuna bibliográfica existente sobre a presença de homens exercendo a docência na Educação Infantil, e o risco é ser um professor, homem e negro, que escreve sobre isso. Segundo o autor, estes estudos estão na agenda de docentes e pesquisadoras mulheres e, segundo Silva (2012, p. 4), “é um risco louvável que vale à pena”.

Segundo Silva (2012), a instituição escolar reflete as opiniões da sociedade sobre os papéis dos homens e mulheres, bem como suas posições no mercado de trabalho. Ele argumenta que é crucial incorporar o conceito de gênero como uma categoria de análise no contexto educacional, especialmente na Educação Infantil. O autor enfatiza a importância de desconstruir a ideia de que a educação infantil não é adequada para homens ou que eles não têm carinho para cuidar de crianças. Para Bortolini (2022), é necessário olhar para a relação entre homens e mulheres a partir de uma perspectiva de gênero. Isso significa analisá-las como um produto histórico de práticas sociais e, operar a partir de uma perspectiva de gênero, é desconfiar daquilo que o senso comum apresenta como dado. Neste caso, que a Educação Infantil deva ser lecionada, exclusivamente, por mulheres.

Soares (2022) afirma que os professores homens que atuam na Educação Infantil

enfrentam empecilhos causados pela questão de gênero. Segundo o autor, esses profissionais quase sempre são vítimas de discriminações por atuarem numa função que, aos olhos da sociedade, não lhes é destinada. Fruto do preconceito e da discriminação de gênero, pedagogos homens são, segundo Soares (2022), vítimas de muitas situações como a não contratação de seus serviços (principalmente nas escolas privadas) e não atribuição de sua eficiência profissional e os questionamentos acerca da sua sexualidade masculina. Santos (2017) defende que há, nessas escolas, um “ocultamento masculino”, uma vez que “em pleno século XXI a maioria dessas instituições impedem um professor de exercer sua profissão junto às crianças simplesmente pelo fato desses serem do sexo masculino” (Santos, 2017, p. 60) - igualmente ao que aconteceu comigo enquanto candidato a uma vaga de estagiário em uma escola privada. Para Ramos (2017, p. 25) docentes têm a sexualidade colocada em suspeição, “pois se escolheram essa profissão é porque não são *homens de verdade*” (grifos do autor).

Mas, afinal de contas: qual é a função do homem e da mulher na escola? Quem está no “lugar certo”? A docência na Educação Infantil tem realmente um gênero? De acordo com Soares (2022), a figura feminina é considerada, no âmbito de sua prática pedagógica com crianças pequenas, como a melhor representação pelo simples fato de possuir o dom “natural” de ser mãe, uma vez que a Educação Infantil é vista “como uma extensão do lar e de responsabilidade de mulheres” (p. 20). No entanto, é fundamental questionar e refletir sobre esses estereótipos. Será que essa visão não perpetua uma divisão de papéis de gênero que limita tanto homens quanto mulheres?

Ao afirmar que as mulheres são naturalmente mais aptas para cuidar e educar bebês, crianças bem pequenas e crianças pequenas, corre-se o risco de desvalorizar a capacidade dos homens de desempenharem essas funções com igual competência inclusive questionando o seu papel social de paternidade, sendo esse um dos desafios apontado por Silva (2011) ao olhar um professor negro como uma figura máscula/paterna “anti sexista”. Ademais, homens e mulheres possuem diferentes abordagens e perspectivas, e essa diversidade pode enriquecer o ambiente educativo, oferecendo às crianças da Educação Infantil uma variedade de modelos de comportamento e interações. Portanto, ao invés de se perguntar quem está no “lugar certo”, talvez devêssemos nos perguntar como podemos criar um ambiente escolar inclusivo e diverso, onde tanto homens quanto mulheres possam contribuir igualmente para o desenvolvimento integral das crianças como preconiza os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Brasil, 1998) e a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018).

É preciso romper com os preconceitos que permeiam a presença de homens no espaço escolar da Educação Básica, propiciando as condições necessárias para um exercício

profissional saudável, livre de preconceitos e de discriminações, os quais contribuam, no fim das contas, para a construção de uma sociedade também mais acolhedora e livre das tantas violências perpetradas ao longo da história e tão presentes na atualidade.

Interseccionalidade

Como vimos, ao superar os preconceitos de gênero, podemos avançar em direção a uma sociedade mais justa, igualitária e atenta à diversidade (de gênero, raça, etnia, orientação sexual, crença religiosa, etc.) (Silva, 2011), em que todos têm a oportunidade de desenvolver plenamente suas potencialidades, livres de estereótipos que, conforme Soares (2022), promovem o preconceito e a discriminação contra pedagogos homens. Se este professor homem negro também for pobre, pertencendo a uma classe social que é não apenas dominada, mas também subalternizada, vendendo sua força de trabalho e sendo explorada pela classe política e economicamente dominante (Saffioti, 1987 *apud* Carvalho, 2022), os estigmas que ele carrega são intensificados, tornando-o ainda mais suscetível às violências cotidianas e à exclusão social (Irigaray, 2008; Souza, 2013; Pinho, 2004 *apud* Carvalho, 2022).

As consequências estruturais decorrentes da interação entre esses três eixos de subordinação (gênero, raça e classe) podem ser melhor compreendidas através do conceito de interseccionalidade (Crenshaw, 2002), que busca analisar a combinação de sistemas discriminatórios e sua consequente dominação, opressão e desempoderamento. Caso seja um homem assumidamente gay, ele enfrentará não apenas os desafios relacionados ao preconceito de gênero, à discriminação racial e à classe social, mas também à homofobia. A presença de múltiplas camadas de discriminação torna a experiência desse pedagogo única e particularmente complexa dentro do ambiente escolar. Portanto, professores homens negros e pobres estão interseccionados por quatro vias: gênero, raça, classe e sexualidade – marcadores presentes em suas trajetórias individuais e profissionais. Consideramos incluir a sexualidade aqui, pois como demonstrado acima, a sexualidade do professor homem negro é frequentemente questionada, uma vez que sua escolha por esta profissão é vista pela sociedade como uma provocação à sua heterossexualidade ou homossexualidade.

Pensar a interseccionalidade como um sistema de opressões interligadas (Collins, 2019) que interage através das “avenidas identitárias do racismo, cisheteropatriarcado e capitalismo” (Akotirene, 2021, p. 23), evidencia que essa abordagem foi criada para dar voz a um grupo de mulheres que se sentia invisível dentro do movimento feminista, procurando ressaltar “quais são as pessoas realmente acidentadas pela matriz de opressões”. (Akotirene, 2021, p. 47). No entanto, preciso lembrar, como nos orienta Ribeiro (2019), a

interseccionalidade não é um conceito só das mulheres negras. Ela nasce das práticas de mulheres negras vinculadas ou não ao feminismo negro, mas deve ser uma urgência de todos.

Cabe destacar que a interseccionalidade, conforme os entendimentos de Collins (2019) e Crenshaw (2002), não se limita a analisar uma soma de identidades que resultam em maior ou menor grau de opressão. Em vez disso, é necessária uma análise profunda e complexa das condições estruturais que penetram os corpos, sobretudo o corpo de homens negros, como procuro analisar nessa pesquisa, considerando “quais posicionalidades reorientam significados subjetivos desses corpos, por serem experiências modeladas por e durante a interação das estruturas, repetidas vezes colonialistas, estabilizadas pela matriz de opressão, sob a forma de identidade.” (Akotirene, 2021, p. 43).

MÉTODO

O método utilizado foi a pesquisa bibliográfica. O processo de revisão bibliográfica seguiu etapas sistemáticas para garantir uma análise abrangente e criteriosa do tema. Inicialmente, defini o escopo da pesquisa, focando na experiência de professores homens negros na educação infantil, analisada sob a ótica das masculinidades negras e da interseccionalidade. Em seguida, selecionei as fontes de pesquisa, incluindo as bases de dados Scielo e Google Scholar, a Biblioteca Virtual do Centro Universitário de Brasília (CEUB), livros do meu acervo pessoal e documentos oficiais relevantes.

O levantamento bibliográfico foi realizado utilizando as palavras-chave "masculinidades negras", "interseccionalidade" e "professores homens negros". Não determinei intervalo de data devido à especificidade do tema e à literatura em processo de ascensão. Após a coleta dos materiais, procedi à leitura e análise crítica dos documentos, identificando as principais contribuições, metodologias e resultados relevantes para a pesquisa. As informações foram organizadas de forma lógica, utilizando resumos e fichamentos para facilitar a redação.

A revisão bibliográfica foi conduzida de forma contínua durante todo o processo de pesquisa, permitindo uma fundamentação teórica sólida e a identificação de lacunas no conhecimento existente sobre o tema. Este método possibilitou uma compreensão aprofundada das complexidades e desafios enfrentados por professores homens negros na educação infantil, contribuindo para a construção de um arcabouço teórico robusto para o desenvolvimento do artigo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A revisão da literatura revelou uma lacuna significativa nos estudos sobre a interseccionalidade na educação infantil, especialmente no que diz respeito à combinação específica de gênero e raça. Embora existam pesquisas que abordam a presença de pedagogos negros na Educação Infantil, considerando aspectos de gênero e raça, como os estudos de Silva (2012; 2014) e Soares (2022), observa-se uma escassez de trabalhos que incorporem a dimensão de classe social nessa análise.

Esta lacuna é particularmente relevante, pois a interseccionalidade, como proposta por Crenshaw (2002) e desenvolvida por Collins (2019), enfatiza a importância de considerar as múltiplas camadas de opressão e discriminação que moldam as experiências individuais. No contexto da educação infantil, cuja presença masculina já é minoritária, e a presença de homens negros ainda mais rara, a adição da variável classe social torna-se crucial para uma compreensão mais abrangente e nuançada das experiências desses profissionais.

Analisando o contexto social relativo a professores homens e negros que atuam na Educação Infantil, observamos que esses profissionais enfrentam desafios significativos decorrentes da intersecção entre gênero, raça e, em alguns casos, sexualidade. Como apontado por Silva (2014), a presença de um professor homem e negro na Educação Infantil "desestabiliza as estruturas fixas, impostas, imutáveis do sistema oculto que funciona muito bem na escola". Isso ocorre porque a Educação Infantil é historicamente associada à figura feminina e à maternagem, como ressaltado por Ramos (2017).

As barreiras institucionais e sociais que esses docentes enfrentam são múltiplas e complexas. Primeiramente, há o estranhamento da comunidade escolar quanto à atuação de homens na Educação Infantil, frequentemente associada a um risco potencial de abuso contra as crianças (Oliveira; Gonçalves, 2020). Além disso, a sexualidade e a masculinidade desses professores são frequentemente colocadas em suspeição (Costa, 2007; Ramos, 2017). No caso específico de homens negros, esses estereótipos são agravados pelo racismo estrutural, que os retrata como "animais, brutos, estupradores por natureza e assassinos" (hooks, 2022).

Analisando como as identidades de raça e gênero se cruzam e impactam a prática pedagógica desses docentes, percebemos que a interseccionalidade desempenha um papel crucial. Conforme Akotirene (2021), a interseccionalidade não visa analisar uma soma de identidades que geram maior ou menor grau de opressão, mas sim compreender as condições estruturais que penetram os corpos. No contexto da Educação Infantil, isso significa que professores homens negros não apenas enfrentam desafios relacionados ao gênero em um ambiente predominantemente feminino, mas também lidam com as consequências do racismo estrutural e, potencialmente, com questões de classe social.

No entanto, é importante ressaltar que a presença desses professores na Educação Infantil também representa uma oportunidade de transformação e enriquecimento do ambiente educativo. Como sugere o artigo “Como apoiar e fortalecer o trabalho de professores negros na escola” de Jonas Carvalho para o Portal Nova Escola, a representatividade desses profissionais pode ter um impacto positivo na autoestima e na aprendizagem dos alunos. (Carvalho, 2022).

Analisar as masculinidades negras na Educação Infantil, considerando a perspectiva interseccional, revela um campo complexo e desafiador, mas também rico em potencial para transformação e inovação pedagógica. A presença e atuação de professores homens negros na Educação Infantil não apenas desafia estereótipos e preconceitos arraigados, mas também oferece oportunidades únicas para enriquecer o ambiente educacional e promover uma educação mais inclusiva e equitativa.

Ao analisar o contexto social relativo a professores homens e negros que atuam na Educação Infantil, ficou evidente que esses profissionais enfrentam múltiplas camadas de desafios. A Educação Infantil, historicamente associada à figura feminina e à maternagem, apresenta-se como um espaço onde a presença masculina, especialmente de homens negros, é vista com estranhamento e desconfiança. Esse cenário é reflexo de construções sociais profundamente arraigadas que associam o cuidado e a educação exclusivamente às mulheres.

As barreiras institucionais e sociais enfrentadas por esses docentes são significativas e multifacetadas. Incluem desde a dificuldade de inserção no mercado de trabalho, especialmente em instituições privadas, até o constante questionamento de sua competência profissional e até mesmo de sua integridade moral. O estigma do "professor pedófilo em potencial" e a suspeição sobre sua sexualidade são obstáculos recorrentes que esses profissionais precisam superar. Para homens negros, essas barreiras são intensificadas pelo racismo estrutural, que perpetua estereótipos negativos e limita suas oportunidades de atuação e desenvolvimento profissional.

A análise de como as identidades de raça e gênero se cruzam e impactam a prática pedagógica desses docentes revelou a complexidade da interseccionalidade nesse contexto. Professores homens negros na Educação Infantil não apenas enfrentam desafios relacionados ao seu gênero em um ambiente predominantemente feminino, mas também lidam com as consequências do racismo estrutural. Essa intersecção de identidades molda suas experiências de maneira única, influenciando desde a forma como são percebidos pela comunidade escolar até as estratégias que desenvolvem para navegar nesse espaço educacional.

Apesar dos desafios, a presença e atuação de professores homens negros na

Educação Infantil também representa uma oportunidade significativa de transformação. Esses profissionais trazem perspectivas únicas e valiosas para o ambiente educativo, contribuindo para a desconstrução de estereótipos de gênero e raça. Sua presença oferece às crianças modelos diversos de masculinidade e negritude, enriquecendo o ambiente de aprendizagem e promovendo uma educação mais inclusiva e equitativa.

CONCLUSÕES PRELIMINARES

A escassez de estudos que abordem especificamente a intersecção de gênero (homem), raça (negro) e classe social (periférico) na educação infantil revela um campo promissor para futuras pesquisas. Esta lacuna na literatura atual apresenta-se como um terreno propício para o desenvolvimento de um projeto de mestrado inovador e relevante. Uma pesquisa que se proponha a investigar as experiências, desafios e contribuições de educadores que incorporem essa tríade identitária - homens, negros e de origem periférica - na educação infantil poderia oferecer dados relevantes sobre as dinâmicas de poder, as estratégias de resistência e as possibilidades de transformação nesse campo educacional.

Tal estudo não apenas preencheria uma lacuna importante na literatura acadêmica, mas também poderia informar políticas educacionais e práticas pedagógicas mais inclusivas e equitativas. Ao dar visibilidade às experiências interseccionais desses educadores, a pesquisa poderia contribuir para a desconstrução de estereótipos, a valorização da diversidade na educação infantil e o fortalecimento de uma educação antirracista e sensível às questões de gênero e classe.

Destarte, a investigação das masculinidades negras na Educação Infantil, sob a perspectiva da interseccionalidade, revela um campo complexo e desafiador, mas também rico em potencial para inovação pedagógica. A presença e atuação de professores homens negros na Educação Infantil não apenas desafia estereótipos e preconceitos arraigados, mas também oferece oportunidades únicas para enriquecer o ambiente educacional e promover uma educação mais inclusiva e equitativa. Portanto, é fundamental continuar explorando e ampliando esse campo de pesquisa, com o objetivo de criar ambientes educacionais que valorizem e respeitem a diversidade em todas as suas formas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Nathalia Sthefany de Lima. **A cor da sala de aula: pedagogas negras em escolas privadas do Grande Recife**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/52985>. Acesso em: 31. mai. 2024.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. 2. ed. São Paulo: Jandaíra, 2021.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2021.

BLACK, Ian. **Lugar de homem negro é onde as pessoas brancas quiserem**. São Paulo. 16 de fevereiro de 2024. LinkedIn: There is no the box. Disponível em: <https://www.linkedin.com/pulse/lugar-de-homem-negro-%C3%A9-onde-pessoas-brancas-quiserem-ian-black-qalye/?trackingId=V9291jfEQneKIFRPwKpFCQ%3D%3D>. Acesso em: 22 jul. 2024.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Censo Escolar da Educação Básica 2023**: notas estatísticas. Disponível em: <https://inepdata.inep.gov.br/analytics/saw.dll?Dashboard>. Acesso em: 30 jun. 2024.

CARVALHO, Alexandre. **'Além de Preto, é Viado?': interseccionalidade e processos decisórios na trajetória profissional de homens negros gays de Mariana**. 2022. Dissertação (Mestrado em Administração) – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022. Disponível em: <https://repositorio.cefetmg.br/server/api/core/bitstreams/7ded861e-4c37-4a5a-86ac-adb4de6a623d/content>. Acesso em: 14 jul. 2024.

CARVALHO, Jonas. **Como apoiar e fortalecer o trabalho de professores negros na escola**. Nova Escola, 18 jul. 2024. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/21379/como-apoiar-e-fortalecer-o-trabalho-de-professores-negros-na-escola>. Acesso em: 18 jun. 2024.

COLLINS, Patricia Hill. Pensamento feminista negro: o poder da autodefinição. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento Feminista Brasileiro**: Formação e contexto. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 270-310.

COSTA, Carlos Eduardo Coelho da. **Tem homem na escola !!! Um olhar sobre o corpo/identidade masculino na educação/saúde da infância**. 2007. 139f. Tese (Doutorado em Saúde da Criança e da Mulher) – Instituto Fernandes Figueira, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/3386>. Acesso em: 10 jul. 2024.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 jun. 2024.

GONÇALVES, Estela. Eu, homem: raça e gênero na construção das masculinidades negras. **Revista Casa D'Italia**, Juiz de Fora, Ano 2, n. 17, 2021. Disponível em: <https://casaditaliajf.com.br/2021/11/29/revista-casa-ditalia-eu-homem-raca-e-genero-na-construcao-das-masculinidades-negras/>. Acesso em: 15 jul. 2024.

HAMLIN, Cynthia; VANDENBERGUE, Frédéric. Vozes do Sul: entrevista com Raewyn Connell. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 40, p. 345-358, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/NMGGc5JnBZ93ssk8ynxZMJc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 31. mai. 2024.

hooks, bell. Escolarizando homens negros. **Revista Estudos Feministas**, 2015. vol. 23 (3), p. 677–689. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/ref/v23n3/1806-9584-ref-23-3-00677.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2024.

hooks, bell. **A gente é da hora: homens negros e masculinidade**. São Paulo: Elefante, 2022.

OLIVEIRA, Leonardo Alves; GONÇALVES, Josiane Peres. **Docência Masculina em Naviraí/MS: Vivências e Representações Sociais**. Comunicações Piracicaba, v. 27, n. 3, p. 163-177, set.- dez. 2020. Disponível em: https://www.oasisbr.ibict.br/vufind/Record/METO-3_174e1f2af7f202590166ab9ff7f3b146. Acesso em: 05 mai. 2024.

PEREIRA, Maria Arlete Bastos. **Professor homem: o estrangeiro na Educação Infantil**. Appris, 2016.

RAMOS, Joaquim. **Gênero na Educação Infantil: relações (im)possíveis para professores homens**. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

RIBEIRO, Stephanie. Quem somos: mulheres negras no plural, nossa existência é pedagógica. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Explosão feminista - arte, cultura, política e universidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SAYÃO, Deborah Thomé. **Relações de gênero e trabalho docente na educação infantil: Um estudo de professores em creche**. 2005.272 f. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

SILVA, Claudionor Renato da. Professor homem, negro na escola da infância: reflexões e apontamentos de um iniciante. **Temas em Educação e Saúde**, Araraquara, v.7, p. 125-150. 2011. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/tes/article/view/9557/6321>. Acesso em: 01 jul. 2024.

SILVA, Claudionor Renato da. **Docência Masculina na Educação Infantil: impressões de um iniciante – Gênero e Raça em Discussão**. Jundiaí: Paco Editorial, 2014.

SOARES, José Erivan. **Professores negros na educação infantil: relações entre docência, raça e gênero**. Recife: EDUPE, 2022.

VIANNA, Cláudia Pereira. **O sexo e o gênero da docência**. Cadernos Pagu, Campinas, n. 17-18, p. 81-103, 2001. Disponível em: <http://old.scielo.br/pdf/cpa/n17-18/n17a03.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2024.